

NOTÍCIAS DE GUIMARÃIS

JORNAL DEFENSOR DOS INTERESSES DO CONCELHO

Redacção e Administração: R. da República, 26 A - 1.º e 2.º Andar - Telef. 34.

Composição e impressão: Tipografia Minerva Vimaranense - Rua de Santo António, 133

Director, editor e proprietário - ANTONINO DIAS PINTO DE CASTRO

Instantâneo

O homem que não fazia nada

Ele passava os dias «batendo papo» com uns e outros, no Chave de Ouro ou na Pastelaria Suíça, sem fazer nada. Que é como quem diz: «dando à taramela» ou «gastando cuspo».

Riscava as ruas com seus passos sem rumo. Executava uma espécie de versos, absolutamente desastrosos, e era talvez por isso que a caspa lhe proliferava da gola do casaco e parecia caminhar sobre nuvens.

Apaixona-se sucessivamente, mas as mãos eram moles — não sabiam agarrar. Quanto à sua conversa, entaralava-se como teia de aranha que a vassoura precisa de desfazer e deitar fora.

Para ter alguma coisa que chamasse a atenção, fazia-se especialista de modinhas brasileiras, recordando alguns cantadores, como o cego cearense, Sinfrônio, ou o Aredaldo, de Quixadá:

— Zêfina, quando eu me assanho, Sou gado de Piôhy... Sou estreito como ganga, Estiro: sou sarnambi... Cheiro mais do que extracto, Fêdo mais do que tipi, Queimo que nem cansansão, Travo mais do que oiti, Amargo mais do que fel, Mato mais do que tingui...

A voz não era feia e a pronúncia escapava.

Era a única aresta que, nele, podia brilhar para o exterior; por isso havia sempre um ou outro grupo de companheiros que lhe pediam para cantar «aquela» do Tarrafa ou a outra, tão engraçada, conhecem? da cabocla bonita:

Meu bem, cabocia bonita, Bola de ouro polida, Por ti, eu perco o que tenho, Até mesmo a própria vida, Meu bem...

Fora disto, nada.

Ora, certo dia, ia ele no meio da multidão, rua do Ouro acima, na procissão do luxo e da procura, do *farriente*, da exibição e da alegria de passear, ver gente, sentir sol nos olhos e nas veias. E prendeu-se a um passo vivo e quente que, por acaso, caminhava junto do seu. Eram brancos e encarnados, os sapatos, e também a saca, a tiracolo. Breve a saia, movimentado o seio, loiro o cabelo. E um sorriso de *báton*, bem vermelho e tão lustroso, tão brilhante como se estivesse sobre um balcão de perfumaria.

Cafu-lhe um dos embrulhos que, inteligentemente, era de papel também encarnado. Desprezando o perigo de ser atropelado, ele baixou-se para o apanhar. O *báton* abriu ainda mais o sorriso e, quando passaram em frente à Mônaco, ela sentiu a presença dele como se fosse bafo de cachorro.

Entrou nos telefones.

Das várias cabinhas vinham palavras desencontradas, revelando, cada uma, seu mundo:

— Mas que há? Morreu alguém por eu não ir jantar a casa?

— O vestido ficou largo na anca, mande-mo buscar, mas hoje, sem falta, sim?

— Juras, Mário? Juras pelo... pelo nosso amor?

— Dizes sempre que não, Julieta!

Não tens outra palavra na boca!

Entretanto, ela ia dando volta ao mostruário dos números formando aquele que desejava. Ele contemplava-a através do vidro, como num aquário.

Disfarçou um bocejo. Sentia-se cansado. De quê? De não fazer nada, talvez.

Passados dias, estavam sentados num café, numa das mesas situadas fora, no passeio. Sim, porque o namorado «gargareja», da janela à rua, com cestinho-elevador para levar e trazer as cartas, acabou — já não há tempo para estar parado.

Toda salpicada de pintinhas brancas no seu vestido vermelho, ela perguntou:

— E você, que faz?

— Eu?... gaguejou o polidor das esquinhas, olhando fixamente para as pintas como se estivesse subitamente disposto a contá-las. Havia três num ombro e a tesoura cortara duas mesmo junto ao decote; essas tinham sido mordidas pelo peçoço.

— Eu? não faço nada. O meu pai é inspector geral de...

— Ah!

Começaram a aparecer pedacinhos de gelo fora dos copos, espalhando-se entre eles. A rapariga disse, com veemência:

— Pois eu estou num escritório.

Entrou às dez e saio às quatro. E talvez por isso que acho extraordinário ver um homem sem fazer nada.

Ele ainda tentou desviar a conversa.

— Gostei de você, logo que a vi, sabe? Lembrou-me uma quadra que lhe fica a matar:

— ... Quem pintou o amor cego... não no soube bem pintar...

— Versos? Isso já não se usa.

E mostrou-lhe a rua que passava na sua frente: nada de tecidos Pompadour e a linha 1900 só como excêntrica de retrocesso, ausência de chapéus, tacões baixos em solas desmedidamente altas, camisas abertas, no à-vontade de praia, todas as classes «tu cá, tu lá» — Werther definitivamente morto.

— Toda esta gente trabalha e é livre — longe de tutelas ou esperando sapatos de defunto. Para se apreciar bem o dia de hoje, que é tudo, é preciso ter garra, ter pulso e saber fincar-se na vida com unhas e dentes. Nada de literário — tudo utilitário.

Realmente era de mais! Nem 8 nem 80.

O rapaz, maldizendo a sua pouca sorte, levantou-se e cumprimentou-a.

Desapareceu na primeira esquinha, deixando para trás de si os *klässons* e os pregões, as montras luxuriosas, os sapatos encarnados e os rumores da T. S. F.

Onde terá ele ido enterrar o seu contundido romantismo?

AURORA JARDIM.

Vária

A mulher das laranjas

Ao Luis Filipe Coelho.

7) Veio a noite, serena e quente, no ar um cheiro vagoante a restêva seca e a mósto oleoso. Já esportara a proa luminosa do Quarto-Crescente por cima da Casinha da Velha: apelidavam assim, com a vénia supersticiosa de a não alcunharem feiamente de bruxa ou de feiticeira, àquela moura encantada em sua moradia, ao conjunto de dois penedos laterais, separados na base em anfractuosa de caverna ermitica, e unidos nas arestas cumieiras, em cima das quais sobrepujava, calva e enghelada, outra lãgea de granito. O moçoilo deitara-se de papo ao ar no folhelho da des-camisada e ela viera também sentar-se cá fora num tronco de pinheiro. De vez a vez, foguetes de lágrimas, vermelhas e azuis, coruscavam; bá-lões subiam direitos no espaço; no silêncio dormente, batiam as asas metálicas de esparsas notas de música. Doce torpor a invadia, seus olhos iam cerrar-se no mergulho do sono, quando, entreabrindo-os ainda a custo, lhe pareceu ver a enfrentá-la uma sombra esguita, branca e morta. E aquela sombra, magra e branca, duas pupilas dilatadas, como duas fálhas que saltam vivas do lume e se apagam em cinza, sorria-lhe no sorriso triste e fixo de caveira. Deus meu! — era o Fidalgo... Mas, tendo-o tão próximo que se roçavam, sentia-o a distância grande, presença impo-ndrável e inexistente. Estiveram assim largo espaço de um tempo quieto e parado. Através o véu de lonjura, mal se distinguia a voz tumutar e álgida a marulhar súplicitemente:

— «Perdão! Venho pedir-lhe perdão. Como os pais devem pedir às filhas, que deitam a perder com a errada educação. Fui atrevido como ignorante, grosseiro como o pedinte despedido sem esmola, e cômico: a comédia de estoirar de riso e arrebrantar de lágrimas dos velhos malucos e desvergonhados. Perdoe-me, perdoe-me. Ah! se soubesse... Vi, em si, toda a mentira e futilidade da vida postíca e ignóbil. Toda a vida perdida na lama dos prazeres vãos, das jóias enganadoras, das horas roubadas! Não me lembrei de que não ia entrar na mocidade, mas na agonia, a agonia dos maus, que estrebuxa apavorada ante o vazio límoso. Quis deitar a correr atrás do desejo — que se desprendia do passado como fôgo-fátuo das campas do cemitério — e esse desejo era, apenas, remorso. Agora, confessado o pecado vil, a penitência. A minha foi a da própria confissão. Tenho a peito que me perdoe. Não se lembre mais do gesto brusco, da palavra animal. Deixe ser bom velho quem foi mau rapaz. Tome esta lembrança — como prenda para o seu noivado. Tudo em si cheia a força e a virtude. Não feitas. Naturais. Nem recuse, cale-se — o orgulho dos pobres é a revolta da inveja, como a humildade dos ricos o mal-estar do gatuno em casa alheia».

No seu regaço caiu um grosso cordão de ouro, de muitas voltas, com a cruz, o coração, a estrela, em filigrana. Mansante, a visão névea diluiu-se. De tão estonteada nem sequer tomara a respiração. Arregalou os olhos em inquieto espanto — e um raio de luar, agudo, fulgurante, penetrou-a como dardo de fôgo. O cordão de ouro fálscou como um latego, uma dôr acúlea rasgou-lhe em brasa a cara, o peçoço, o princípio do colo. Diante de si levantava-se, amedrontadora, uma sombra negra e má, de olhos toldados de ira sinistra. E a voz, aquela voz!, restolava como enfurecida cobra entre o mato:

— «Para isso me fugiste, grande... grande cadela!»

E, pela segunda vez, o latego do cordão, em bruscos repêlhos, lhe dilacerou a cara, os seios, as mãos erguidas em instintiva defesa. Então, no intenso cruciamento doloroso, teve, de repente, ao reconhecer o agressor, a desfalecia de um prazer físico agitante e amolecedor, até ignorado em sua natureza de mulher.

— Grande... grande cadela!

Um riso de gôzo e de amargor borbolhou-lhe em gorgolão:

— «Ai tens... Ai tens! E' o amor, o teu, o amor dos homens! A mulher é a negra — a negra de todo o serviço. Ai tens... Ai tens!

— O pão molhado em lágrimas. Lágrimas de beijos — as chicotadas do carrasco!»

E, num desafio supremo, já de pé, rosto a rosto:

— «Antes isto, sabes? — carne de açougue!»

Riu às gargalhadas e ria ainda até

Portugal e Brasil

Portugal, ao conservar ciosamente — com a paz — uma neutralidade impecável, não pretende de modo nenhum alhear-se do sofrimento dos outros povos nem pode deixar de sentir as conseqüências terríveis a que se vêem sujeitar as nações sucessivamente atingidas pela guerra.

A nota officiosa publicada nos diários a-proposito do estado de beligerancia entre o Brasil, a Alemanha e a Itália sublinha essa circunstancia ao afirmar:

«O Governo português, para quem a posição jurídica assumida por Portugal no presente conflito nunca significou, como já mais de uma vez foi dito, quebra dos vinculos históricos que o prendem a outros países...» E, pois, perfeitamente natural e justo supor que — como declara, a seguir, a mesma nota — «mais obrigado se sente com o Brasil, com o qual os estreitos laços de sangue tornam as relações inalteráveis.»

E a nota officiosa termina: «No momento em que o Brasil se encontra envolvido na guerra, o Governo toma a peito exprimir-lhe, em nome do povo português, os seus sentimentos de fraterna estima, de solidariedade moral e de emoção sincera com que acompanha o Povo irmão na attitude de sacrificios que assumiu na defesa do que considera sua honra e seu direito.»

Em toda a Antologia o trema domina soberanamente. Não há lugar para equívocos. O trema é luz permanente a ensinar a medida justa aos versos vários.

Achei graça à novidade!

Entre os mais devotados Admiradores de António Nobre sobressai o Visconde de Vila-Moura.

E' do Rio-de-Janeiro a 2.ª edição do seu illustrado e mimoso volume com o nome do Poeta do Só.

Edição linda e bom papel. Na página 13 lêmos: «Deriva da alma dos campos de Entre-Douro-e-Minho uma tragédia alegre; sobre o fundo negro da terra, onde o camponês cultiva a distrahir-se, a escravidão, elle grava a sua historia, que a paisagem partilha, — tão intimos são alli o camponês e o campo.»

¿Iria aqui beber Mário Bernardes Pereira um hausto pequenino para o seu devaneio de romancista?

¿Ficar-lhe-ia no subconsciente aquela decantável *escravidão*? Não! E' já lugar comum a *escravidão do Homem à Terra*. O valor do Romancista esteve em urdir uma teia formosissima no cântico mimoso daquela *Escravidão eterna*.

Dos Margarides, José e Alberto, diz na página 22 — «os mais esturdios e bellos rapazes de quem me lembro.»

Na pag. 132 acha pretencioso o titulo *Só*, tão singelo e simples do Poeta das Tristezas e das Solidões.

Ora valha-nos Deus, Senhor Visconde!

G.

Começou a fita...

O preço da batata aumenta dia a dia e já dizem os *profetas* do açambarcamento que não levará muito tempo que cada arrôba custe 25\$00!

Outrotanto está a succeder com o preço da cebola e de outros productos agricolas, motivo por que se avizinhm de nós, consumidores, dias muito sombrios e muito tristes.

Por outro lado, verifica-se o facto de ter penetrado na Praça do Mercado, desta cidade, a sinistra sombra da ganância, parecendo que se deslocou para ali a serra da Falperra...

Enfim, temos diante de nós o desentrolar de uma fita trágica, na qual aparece um cortejo de victimas, constituido pela numerosa classe dos consumidores.

A respeito de tabelas, muito gostaríamos de as ver produzir o seu efeito.

E de resto, começou a fita do açambarcamento, sendo de esperar que sejam dadas providencias.

Resultado justo

Foi recebida com grande satisfação a noticia de ter sido feita a devida justiça ao distinto professor primário da freguesia de Leitões, d'este concelho, Sr. José Bernardino dos Santos, a quem fôra instaurado um processo disciplinar em virtude de uma queixa infundada do pai de um aluno, pessoa sem categoria de qualquer espécie.

Essa queixa, que foi feita numa taberna, sob a inspiração de Deus Baco, e depois apresentada ao Sr. Director Escolar; este senhor — que devia conhecer o professor em questão, que já conta 34 anos de bom e efectivo serviço, sem a mais leve censura dos seus superiores — deu-lhe immediato seguimento, embora em caso muito mais grave, ocorrido nesta cidade, não tenha procedido de forma igual. E' de lamentar, mas é verdade.

De resto, as Estâncias superiores fizeram a devida justiça ao professor Sr. Santos, com o que muito folgamos.

a rancorosa sombra escura se perder na noite, donde viera, em passos abafados e incertos.

Sulcou o ar a estralhadada dos foguetes; os tintinábulo e as pumpunzadas da filarmónica vibraram mais ardidamente; mugia o falar dos bailadores — a alegria capitosa do vinho. O rapazelho nem bulira — era o sono espesso dos que ainda não conhecem o crime de viver. Um mocho piava lacrimoso — a ternura do saltador para atraír a vítima. O rafeiro da casa, hirsuto e ossudo, viera deitar-se sobre os seus pés gelados. O sangue das feridas escorria e coagulava. Sentia-se prostrada, talvez feliz, um pouco entontecida, mole, e deixouse adormecer. Já de pálpabras cerradas, via ainda os foguetes a clarear a noite, e, suspensas por baixo das estrélas, bailavam gotas de sangue.

No meu cantinho

Vitorino Nemésio doutorou-se há bem pouco tempo.

Por sobre o seu multiplicado trabalhar atirou ao Público Ledor um grosso e miúdo volume consagrando em preciosa Antologia as *Poesias Escolhidas* de Gomes Leal.

Em 77 páginas densas diz-nos do «Destino de Gomes Leal». São 10 capítulos de estudo tão profundo como largo.

Em 15 laudas da mesma densidade oferece-nos uma maravilha de «Nota sobre a Poesia de Gomes Leal.»

Na «Advertência» gasta apenas 3.

Na Cronologia 10.

Na Bibliografia 4.

Na Antologia 202.

Altíssimo serviço recebem ali as Letras Pátrias.

E caso singular: logo na primeira parte as escritas *entôar, êscuto, ô, cabriola, rüinas, Êxpulso, léal, lampêões, léais, lüar* ferem-nos a atenção na novidade que o Publicista apresenta para evitar elisões.

Em toda a Antologia o trema domina soberanamente. Não há lugar para equívocos. O trema é luz permanente a ensinar a medida justa aos versos vários.

Achei graça à novidade!

Entre os mais devotados Admiradores de António Nobre sobressai o Visconde de Vila-Moura.

E' do Rio-de-Janeiro a 2.ª edição do seu illustrado e mimoso volume com o nome do Poeta do Só.

Edição linda e bom papel. Na página 13 lêmos: «Deriva da alma dos campos de Entre-Douro-e-Minho uma tragédia alegre; sobre o fundo negro da terra, onde o camponês cultiva a distrahir-se, a escravidão, elle grava a sua historia, que a paisagem partilha, — tão intimos são alli o camponês e o campo.»

¿Iria aqui beber Mário Bernardes Pereira um hausto pequenino para o seu devaneio de romancista?

¿Ficar-lhe-ia no subconsciente aquela decantável *escravidão*? Não! E' já lugar comum a *escravidão do Homem à Terra*. O valor do Romancista esteve em urdir uma teia formosissima no cântico mimoso daquela *Escravidão eterna*.

Dos Margarides, José e Alberto, diz na página 22 — «os mais esturdios e bellos rapazes de quem me lembro.»

Na pag. 132 acha pretencioso o titulo *Só*, tão singelo e simples do Poeta das Tristezas e das Solidões.

Ora valha-nos Deus, Senhor Visconde!

G.

HUMILDADE

Morreu numa dependência, antiga cela do extinto Mosteiro de Arouca, uma velhinha de 83 anos, Maria Rosa do Sacramento de seu nome.

Habitou a casa monástica durante 71 anos, pois para ali entrara, religiosa leiga, em 1871. Nunca foi mais que criada. Vivendo desde os doze anos entre paredes sagradas — ela própria se considerava filha da Ordem que fôra da Rainha Santa Mafalda. Quando morreu a última freira, e o Mosteiro, consoante a lei de 1834, perdeu o seu carácter religioso — ela

GAZETILHA

Dizem que «Roma e Pavia não se fizeram num dia», e eu concordo que assim seja... Mas se não se fôr andando, ficaremos *apitaúdo* àquilo que se deseja...

Todos sabem e conhecem, e tais coisas não esquecem, a pretensão do *Vitória*: — Um bom Campo possuir, onde se possa medir com Grupos que têm *história*.

Num jantar realizado, do vasto «palavriado» eu fiquei mui convencido que a coisa se amanharia... Que até pouco tardaria a ser tudo resolvido.

E juro: Não é «garganta»... Eu cheguei a ver a planta, bem traçada, por sinal, nas mãos bairristas de Alguém, que na Terra poder tem, uma tarde, no Toural.

Mas, dai não se passou! Tudo na mesma ficou, a obra não foi prã frente. Parece que a emperrara, — porque à razão não chegara — senhoria... renitente.

Pois assim bem mal está! O futebol chegará sem ao Campo se crescer. E talvez isso dê causa a *Vitória* fazer pausa de com *grandes* se bater...

Sei que isto não tem piada, que não serve para nada, mas sempre quis avisar que o marasmo e a renitência podem dar a conseqüencia de o *Vitória*... ir ao ar.

BELGATOUR.

ficou. Era a representação de um passado, que ela não chegara a conhecer no auge do fervor monástico, mas que as freiras sobreviventes à extinção das Ordens lhe revelaram. Amava o céu de Arouca. Estremecia as peças de arte sacra que foram confiadas à sua guarda, depois que se foi desta vida a sua última ana, madre de ignorado nome; guardou-as na sua cela, avaramente, e só as deixou quando soube que elas foram para um museu.

Agora — dava-se a impressão de que era a madre superiora de um mosteiro deserto de freiras, povoado de pombas e de recordações. Fabricava doces, e disso vivia. Também ela, como as sórôres de há meio século, passou a outra vida. Conquistou por amor e por virtudes cristãs o direito ao céu. Com o seu exílio para a eternidade — acabou-se o Mosteiro de Arouca e o «pão de S. Bernardo», que saía das suas mãos diáfanas.

Romarias de Portugal

Nada há mais popular, mais colorido, mais alegre do que uma romaria. E nenhuma romaria há no mundo com a ingenuidade, a graça e o encanto das romarias portuguesas.

Alaridos de arraial e recolhimentos de fé. Descantes, bailaricos, festas — tudo o que é vibrátil e profano aparece iluminado pela evocação, pela doçura, pela bênção das procissões, das prédicas, das promessas.

Romarias portuguesas — sulcos de religiosidade, de crenças rudes e simples, em que o nosso bom povo se mostra molin e mais português.

O Secretariado da Propaganda Nacional, editando um sugestivo mapa das nossas romarias, colorido como elas e como elas pitoresco nos seus desenhos, na sua prosa leve — prestou mais um optimo serviço à causa do regionalismo. Festivo e crente a um tempo.

Desde a romaria de S. Bento da Porta Aberta, no Minho, até à da Senhora do Rosário, no Algarve, todas se encontram referidas nas suas datas e nas suas características principaes — que só se não distinguem porque todas se irmanam no mesmo impulso e na mesma devoção.

Duque de Kent UM HOMEM

Vitima de um desastre de aviação, faleceu, há dias, o Príncipe Jorge, Duque de Kent, o mais novo irmão do Rei da Inglaterra, e que tão admirado era pelo seu povo, mercê das grandes qualidades que o impunham à consideração e ao respeito de todos os seus compatriotas.

Novo ainda, pois contava 40 anos incompletos, o Duque de Kent morreu no seu pósto, ao serviço da sua Pátria. O seu desaparecimento levou o luto à nobre Nação Inglesa. A figura, irradiante de simpatia, do desventurado Príncipe será evocada pelos tempos fora, com a maior saudade.

Recorda-se que o Duque de Kent foi o embaixador do Império Britânico às Festas Centenárias de Portugal, tendo sido alvo, no nosso País, das maiores homenagens, a que, aliás, tinha jus.

No nosso País, como afinal em quasi todo o Mundo, a morte do Duque de Kent causou verdadeira emoção.

O Governo Português já significou ao Governo de S. M. Britânica o pesar de Portugal pelo infausto acontecimento.

Morreu em Sintra o maior industrial português, o homem de acção, que empregou toda a sua actividade e toda a sua intelligencia ao serviço da economia nacional.

Tinha 71 anos e deixou o seu nome ligado a muitas e ás maiores empresas do nosso país.

Fêz-se por si e soube singrar na vida, elevando-se pelas suas nobilissimas qualidades e pelos rasgos da sua iniciativa, no conceito de todos.

Alfredo da Silva foi alguém. O seu nome e a sua vasta obra há muito atravessaram as fronteiras e marcam a passagem por este Mundo de um homem que cumpriu o seu dever.

Seja qual fôr a faceta por que se encare a sua existência, como industrial, como politico ou como simples cidadão, a sua figura surge forte, verdadeiramente dominadora.

Com Alfredo da Silva desapareceu um dos mais illustres portugueses do nosso tempo, como muito bem se afirmou já, e o homem que com maior clarividencia, energia e perseverancia trabalhou para elevar a industria nacional a uma posição que nunca tivera.

Lêdo e propagal o «Noticias de Guimarães»

Joze Alvaru

Escolas Técnicas Profissionais

Continuam os trabalhos para a reforma do Ensino técnico profissional e nesse sentido têm sido colhidas pela Comissão dessa reforma, criada pelo decreto-lei n.º 31.432, várias sugestões que facilitem o que se pretende dentro desse importante sector da Instrução Pública. Está provado — e essa prova encontramos-la em muitos países da Europa — que o ensino técnico conduz os povos a um futuro de melhores dias, razão por que nunca será de mais tudo quanto se procure fazer em prol da sua expansão e do seu aperfeiçoamento. Em Portugal — com mágoa se deve confessar — esse ramo de ensino viveu durante longos anos em densas trevas, facto de que resultou em lamentável atrofamento da vitalidade de tão importante factor da economia nacional. Hoje, porém, as Escolas técnicas já têm uma vida mais integrada na própria consciência da Nação e embora ainda não correspondam em absoluto ao fim que determinou a sua criação, há mais de meio século, elas encontram-se, no entanto, bastante melhoradas, quer quanto a instalação, quer quanto a apetrechamento. E como devagar se vai ao longe, a sua prosperidade continuará a caminhar para posições mais elevadas, exactamente o que se pretende conseguir com a promulgação, em devida oportunidade, de uma nova reforma. De resto, o papel desempenhado pelas Escolas técnicas já não pode ser considerado de nula importância; pelo contrário, ele já é bem manifesto e de efeitos bem conhecidos. A propósito do Ensino em referência e salientando a utilidade que o mesmo pode ter na Administração pública, passamos a transcrever alguns períodos de um interessante e oportuno artigo do Sr. Aureliano Felismino, publicado no n.º 9 da «Revista de Contabilidade Pública». Referindo-se a Liceus e a Escolas técnicas profissionais, diz o seguinte:

«Todos nós sabemos que 5 ou 6 anos do Liceu dão uma cultura geral apreciável. É bem conhecido de todos a boa preparação que as Escolas técnicas profissionais dão para a vida prática. Mas entre um indivíduo com a cultura geral dos Liceus e outro com a especialização das Escolas técnicas, é evidente que se a Lei não os colocasse em igualdade de circunstâncias, a escolha teria de recair sobre o segundo, porquanto, se os Liceus dão uma maior cultura geral, as Escolas técnicas fornecem elementos que asseguram uma boa execução de serviços, visto que os seus diplomados para as funções do grupo S, trazem conhecimentos de utilização imediata, como, por exemplo, a Contabilidade e a Escrituração, Caligrafia, Dactilografia e Estenografia, a par da cultura geral, como Português, Francês, Inglês, Elementos de direito Comercial e de Economia política, Geografia Geral, História, etc.

A população das Escolas técnicas, viveiro de vontades fortes, dá-nos a matéria prima ideal para os lugares da Administração Pública. Não é preciso fazer ensaios para se reconhecer a verdade desta afirmação. Há, em quasi todos os Serviços Públicos, exemplos concretos e eloquentes.

Há ainda a focar a questão moral. Os Liceus constituem a estrada vulgar para os cursos superiores. A maioria, pelo menos no pensamento dos respectivos encarregados da educação, tem, no acto da 1.ª matrícula, essa finalidade. Quando não a atingem (por falta de recursos, de aplicação, etc.) recorrem, quasi revoltados, ao emprego público.

Nas Escolas técnicas profissionais a maioria tem como finalidade tirar um curso complementar.»

«Sobre empregados Administrativos do Estado, diz o Autor do citado artigo: «..... Cria-se um serviço. Recrutam-se os funcionários para a parte Administrativa com as habilitações legais. Para serviço de importância média, basta um aspirante levando consigo o Curso Geral dos Liceus ou Complementar das Escolas técnicas e muito boa vontade de acertar. A sua tragédia começa. Como se faz um projecto de Orçamento? Como se movimentam as dotações orçamentais? Como se faz uma folha de vencimentos? Como se classificam os papéis justificativos das despesas que a cada momento caem na sua secretária? Como se escrituram? Como se deve fazer uma transferência? Como aluir um crédito? Quais as disposições legais a cumprir na realização das despesas? Como e quando se entregam nos Cofres do Estado as receitas? Como se procede ao inventário? E os prazos de tudo isto? E a redacção dos officios, notas, «memorandos»? Como se documenta a conta?»

Afigura-se-me actual e de bons resultados a criação, nas Escolas técnicas, duma nova disciplina a que se poderia dar o título de «Noções Gerais de Administração Pública», onde, duma maneira elementar, mas muito objectivamente, se focassem os aspectos gerais da Administração do Estado, accentuando os mais comuns — Finanças e Contabilidade Pública — e incluindo a redacção de decretos, officios, circulares, etc.»

Como se vê, o horizonte do Ensino

Do Pôrto a Vidago

Antes de abalarmos para esta formosa estância, com o propósito de repousarmos das nossas lidas cotidianas e de desintoxicarmos o fígado e outras visceras correlativas, tivemos a informação, aliás improcedente, de pairarem nela alguns turbulentos casais de mosquitos, e aconselharam-nos, até, a trazer mosquiteiros conosco, para não sermos comidos ou molestados por eles, os grandes pándegos.

Com tão alarmante notícia, pusem-nos os cabelos em pé, e não era para menos, pois costumamos sofrer bastante com as ferroadas desses alados e impertinentes insectos.

E nós, que deixámos, em Manáus, o nosso americano e esplêndido mosquiteiro de fina talagarça, considerámo-nos desarmados e na iminência de não podermos este ano gozar os verdejantes «greens» e as delícias de Vidago.

Mas viemos e, até agora, — cinco dias já volvidos — não enxergámos nem sequer um só mosquito para nos mostrar, pelo menos no hotel, no parque e nas nascentes.

Era, positivamente, *S. Ex.ª o Boato*, que andava atrás de nós a fazer das suas e a querer, maldosamente, estragar-nos os projectos.

Felizmente que lhe não demos ouvidos, e aqui nos encontramos, satisfetíssimos, com a nossa ideia de irmos respirar fundo este bom ar e submeter o físico, um pouco em baixo, ao tratamento, como no ano anterior, pela maravilhosa linfa alcalina da «Fonte n.º 1», consoante o povo lhe chama. Ignoramos se com razão ou sem ela.

A viagem de S. Bento à Régua, fez-se sem qualquer novidade, ali chegando o comboio quasi à tabela.

Nesta última estação, porém, a coisa não correu como nós sonháramos. Quando os passageiros do «rápido», destinados às Pedras Salgadas e aqui, atapetados de malas, malinhas e maletas, pretenderam entrar nas carruagens de 1.ª classe, estas estavam cautelosamente fechadas à chave.

Um funcionário, que nós interrogáramos, dissera-nos tratar-se de ordem superior: as referidas carruagens apenas seriam abertas ao público se houvesse passageiros para elas!

Nesse dia, então, a aflição era tanta que algumas senhoras foram obrigadas a viajar sentadas nas nossas malas de cabedal rijo.

Casos idênticos, talvez se pudessem simplificar, se das estações intermédias telefonassem, à da Régua, o número exacto de passageiros que compraram bilhetes para as suas concorridas estâncias terminais e que tanta saúde dão a quem as procura.

Desta maneira — supomos — antes dos comboios ali desemboçarem, já se saberia, ao certo, quantos lugares se deviam reservar, evitando-se, assim, esperas escusadas, e já ninguém teria de aguardar, de bagagem nas mãos, que viessem abrir as portas das carruagens.

Tudo estaria, de antemão, a postos. Quem viaja gosta sempre de encontrar todas as facilidades no caminho, do contrário é melhor ficar em casa a contar histórias à família ou a aumentar a capoeira para o inverno.

De velho morreu o seguro!

D. Joaquim de Bastião.

Uma procissão sob a metralha

Desde que, há um ano, se intensificaram os bombardeamentos à ilha de Malta, cessaram, por cautela e prudência, todas as procissões.

Mas há pouco tempo, os malteses aventuraram-se a pôr na rua uma procissão. Foi uma procissão histórica. Conduzindo a imagem de Nossa Senhora do Carmo, o religioso cortejo safu de uma igreja muito danificada pelos bombardeamentos. Percorreu ruas ladeadas de escombros e ruínas. Mas o caminho estava juncado de flores e o ar impregnado de perfumes. Cânticos da multidão enchiam o espaço. Mãos cheias de flores caíam das varandas escapadas à metralha.

Quando regressava a procissão, ouviu-se o alarme anti-aéreo e, momentos volvidos, a metralha dos aviões tomava o lugar das flores, que descaíam das varandas a perfumar o ambiente.

Os quadros da guerra, que nem Deus deixam seguro nos seus sacrários, como dizia o grande Vieira.

técnico profissional pode tornar-se muito mais largo e dessa forma se multiplicarão as suas vantagens em Portugal. Estamos convencidos de que a futura reforma será orientada nesse sentido e desse benefício compartilhará Guimarães, terra onde a sua variadíssima indústria e o seu importante comércio requerem uma Escola técnica tam completa quanto possível. É preciso adaptar a função do Ensino à função do meio e só assim se poderá obter a desejada finalidade das Escolas Técnicas portuguesas.

Livros & Jornais

A Poesia Religiosa na Literatura Portuguesa — por A. C. Pires de Lima.

Têm os nossos poetas, através dos tempos, mostrado a fé e o respeito por Deus e pelos santos? A. C. Pires de Lima responde afirmativamente com um livro pequeno para assunto tão vasto, mas que chega bem para dar a conhecer como em tôlas as épocas, escolas e correntes literárias a Religião influenciou muitas musas, ora em horas de consólio espiritual, ora em momentos de luta íntima, quando o homem, abandonado de tudo e desalentado com as intempéries da vida, levanta os olhos ao céu e implora o auxílio divino com confiança e amor. E aí vemos, neste livro, desde os princípios da nossa Literatura até ao presente, testemunhos autênticos de poetas que viveram, em qualquer momento da vida, a realidade do Omnipotente. Os trovadores, Gil Vicente, Bernardim Ribeiro, Sá de Miranda, António Ferreira, Diogo Bernardes, Agostinho da Cruz, Camões, Andrade Caminha, F. Manuel de Melo, Violante do Céu, Bocage, Nicolau Tolentino, Garrett, Herculano, Castilho, Soares de Passos, Antero, Junqueiro, Gomes Leal, João de Deus, Correia de Oliveira, e muitos outros, juntou-os o autor para dizerem, com o indescritível das suas poesias, quanto as suas almas se prendiam com a Religião. A. C. Pires de Lima apresentou um livro que fazia falta, se bem que não tivesse esgotado o assunto, pois fica muito ainda por dizer. Poderá torná-lo mais completo em futuras edições, se as tiver, como é fácil esperar. Presentemente, basta-nos felicitar o autor por este livro tal como está e dar-lhe os parabéns pelo soneto «A sepultura de minha mãe», somente cheio de amor filial e união cristã. — Edição de Domingos Barreira — Pôrto.

Sózinha — Romance por Sarah Beirão.

Sarah Beirão pode orgulhar-se de ser talvez uma das escritoras mais lidas no nosso País. Um livro seu, sempre que é posto a circular, obtém êxito certo, cujas causas se devem atribuir à preferência e ao carinho que o público consagra a estes romances de acção simples, em que os personagens aparecem sempre em dias de bonança. *Sózinha* entrou agora em 2.ª edição. É um romance que se lê com agrado e que traz aos olhos do leitor um caso profundamente humano. Júlia, a órfã, a sózinha, é uma figura com visos de realidade, que não falece com as cutiladas do infortúnio mas, antes, vence as dificuldades que a ilaquiavam e pode assim servir de exemplo, ao mesmo tempo que nobilita, o sexo feminino tão ardorosamente defendido pela autora da «Surpresa Bendita». Como já nestas columnas fizemos largas referências, a quando da 1.ª edição, absteimo-nos de mais comentários, cumprindo-nos, no entanto, saldar Sarah Beirão pelo bom resultado obtido com este romance. *Sózinha* é o n.º 7 da «Coleção Portuguesa», que Domingos Barreira (Livraria Simões Lopes — Pôrto) com esmero vem editando.

A Batalha do Atlântico — por Sarmento Rodrigues.

O comandante da nossa Marinha, Sr. Sarmento Rodrigues, escreveu um livro que se lê de um trago, tal o interesse que desperta. As suas considerações são filhas de atenta e vigilante observação sobre o estado actual da guerra. Escreve sem rodeios, não conhece tergiversações, afirma sem evasivas, o que, para os tempos de hoje, representa uma grande virtude: a firmeza de carácter. E são tão justas e palpantes as suas palavras que o leitor lê e reconhece logo a verdade, por factos que não lhe são estranhos ou por clarividência apresentada ao seu espirito. Sarmento Rodrigues, que à sua análise de crítica naval alta boas pineladas de estilo, escreveu um livro, desassombadamente, irrevocavelmente — um livro que ficará como lúcido e inteligente estudo ao ambiente bélico da actualidade e, em especial, ao que diz respeito à luta no Atlântico. — Edição ilustrada com boas gravuras da Parceria A. M. Pereira, de Lisboa.

Perdão — por Adelino da Nascimento Martins.

Cremos que o autor fez a sua estreia com este livro. Se assim é não o queremos desencorajar para melhores obras. Referentemente a esta, temos de dizer que deixa bastante a desejar. Não estudou os personagens convenientemente, não os fez viver o seu drama com a intensidade necessária, desprezou o paisagístico e prendeu-se de mais ao supérfluo que pouco ou nada tem que ver com o seu fim em vista. Dai, ler-se este livro até à última folha sem despertar grande interesse e sem que Joaquim — personagem principal — acorde da apatia o leitor. Romance — assim chamou Adelino N. Martins a este livro. Não nos parece. Quando muito, novela. Mesmo para essa requere-se mais imaginação. Nem todo o «caso», humano serve para romance. E até quando serve, é necessário que a fantasia o agite suficientemente, de maneira a sacudir toda a poeira que o desvirtualiza. Mas não o queremos desiludir. Que trabalhe. Só os que trabalham e se esforçam no trabalho é que conseguem vencer. Poderá ain-

Impressões impressas de uma festa impressionante



Da esquerda para a direita: Sentados: Quico, Joraca, Lusbel, Pacatão, Jôia de Faraó, P. de Inkin e A. L. C.; 2.º plano: Laruca, Pimpim, Alvarinto, madame Alvarinto, madame Pacatão, Conde, Príncipe do Ave, Otopavil e José Gualberto de Freitas; 3.º plano: Davidinho, Satanaz, Rei do Orco, Juca, Black Bird e Dorlavas; 4.º plano: Rotie, Gizelia, Fidélito, Miloca, madame Dias de Castro, Antonino Dias de Castro, Ariedam e Gar-Raf.

«O Novíssimo», célebre «Jornal», humorístico que se edita no Pôrto, se imprime em Chaves e se lê em toda a parte onde houver, pelo menos, meio charadista, vem hoje a Guimarães, fazer a reportagem da festa do «Notícias», e a convite do amigo Lusbel, pois convém fazer a vontade a todos, mesmo aos demónios...

Agosto, 23, manhã de «Ra», esplendoroso e domingo, no Pôrto... A cavava «cêlico-têbista», reúne-se no

«Correio do Minho»

Esteve na nossa redacção, onde veio agradecer-nos uma referência feita ao seu nome, o Sr. Júlio Augusto Rebelo Marques, estimado funcionário do I. N. de T. e P. S., que há dias havia sido investido nas funções de delegado regional do nosso prezado colega «Correio do Minho», o qual agora nos disse ter abandonado já esse lugar, por razões de ordem particular.

Lamentamos o sucedido, ao mesmo tempo que nos cumpre agradecer a gentileza da visita e desejar a quele nosso amigo as maiores prosperidades pessoais.

Aquelas mulheres...

Passou a constituir atrevido abuso a exibição e permanência de «certas» mulheres em alguns pontos centrais da cidade. Na própria Praça de D. Afonso Henriques, ali pelas imediações dos Bancos Ultramarino e Ferreira Alves, desde que a noite começa, deparam-se-nos, por vezes, uns «idólios» e umas «fitas indecentes», a que é preciso pôr còbro imediato.

Mas como isto é de fácil solução, pois basta que a Polícia se decida a intervir a sério, esperamos e confiamos que o abuso desapareça imediatamente, pondo-se as coisas nos seus devidos lugares...

A Polícia, pois, recomendamos o assunto.

Auto da Natividade — por Luiz Cardim.

O dr. Luiz Cardim é um poeta com as suas características especiais que muito o honram e dignificam. A sua poesia, moldada pelas velhas mas já mais imperecíveis regras, tem muita paisagem ao panorama psíquico, em que a alma se eleva ou então fica, exacta e absorpta, a ver se desvenda os segredos da vida que a prendem ao material e transitório.

É claro que estamos a falar de outros trabalhos poéticos de Luiz Cardim, pois este «Auto da Natividade», não chega para nos mostrar a sua poesia. Nem o assunto, já muitíssimo batido, nem a estrutura do auto, conseguem impôr o poeta. — Edição da Livraria Educação Nacional — Pôrto.

«luxuoso», (funcionava a gazolinha, supremo luxo da época) auto-carro que a há-de conduzir ao bérço... da Nação. Os «caravaneantes», são, por ordem o mais analfabética possível, Alvarinto e Espôsa, Fidélito e Gizélia, Satanaz e Miloca, Laruca, Pimpim, Eugénio e a «Equipa do «Novíssimo», (Conde e A. L. C.). Vão todos, bem dispostos, pois o lugar estava marcado, e em traje de passeio; mesmo o Pimpim vai sem «paraquedas», — pois na garagem deram-lhe a palavra de honra que não haveria trambulhão...

A viagem corre (embora pareça que a caminhona é que deveria correr...) agradável, entre as gracinhas do Pimpim, os ensurramentos de Satanaz, — verdadeiro «A. M. de Sousa», vivo e... num volume só — e os eloquentes silêncios do Fidélito...

Precisamente à «dez ó cebola», chegávamos ao maior cemitério de «Novíssimas», da actualidade. No esplêndido «cais de desembarque», perdão — «cais... de desembarque», — estava a «Malta», vimaranense toda, bem como o Ex.º Director do «Notícias», à espera de... nossas excelências!

Vista de perto, a «Malta», não era só vimaranense: Pacatão «in locus erat», bem como a «lata», de Rotie — uma surpresa de conserva, que muito bem sobra a todos — e vários confrades «aviadores», ou seja, da região das Aves...

Todos aqueles «cultores da Arte-Ciência», (grande tirada!) se dirigiram à Redacção do «Notícias de Guimarães», onde o seu ilustre Director lhes deu as boas-vindas, em breves palavras mas plenas de sinceridade. Lê-se o «Notícias», número especial, quasi todo edipista, trocam-se apresentações, impressões e confissões... de tristes recordações...

Visita-se a seguir o Museu Alberto Sampaio — relicário artístico que honra Guimarães. O Lusbel e o P. de Inkin, num gesto muito nobre, resolvem oferecer ao Museu os «fatos», de «Azul do Pôrto», e «Azul de Lisboa», únicos «ossos», que Alvarinto não conseguiu matar... porque não estavam «extractados»...

Admiram-se os objectos expostos, mórmente alguns túmulos, com «pedras fortes», como gostam certos árbitros...

As vitrines de ourivesaria fazem o Alvarinto soltar suspiros: aquilo tudo feito em taças!...

Depois de «recolados», os retardatários, Satanaz, Laruca, etc. — que folhearam o Museu mais de vagar —, fomos para a Sociedade Martins Sarmento.

Repetiram-se os ambiciosos suspiros: o Alvarinto queria aquilo tudo posto em prémios, o Rotie em fôlha para latas, o Pacatão em popeline Adóis... O Lusbel confiou, mais uma vez, a arbitragem do pleito a Satanaz, que optou por que ficasse tudo como estava...

O título da pensão onde foi servido o *tre-pasto* (re-pasto, era pouco) — «Pensão Império», fez-nos, mais uma vez, saí-lozamente, recordar o Lérias, glória do dito...

Antes do almoço, admiram-se as taças destinadas aos heróicos sobreviventes do cêsto das novíssimas, — taça «F. L.», e respectiva miniatura. Admiram-se as taças e aduira-se... muito mais!

O Lusbel ainda está aferrado aos velhos hábitos de não deixar ninguém entrar no barco sem primeiro ter pago a passagem... Merecia ser condecorado na «Ordem dos Reguilas», se tratasse de igual forma os comensais e os ofertantes de prémios...

Quando, enfim, houve ordem de «ameasar», houve quem estivesse capaz de desmaiar, senão de... fraqueza, pelo menos — de alegria... O Pacatão chegou, mesmo, a vir até nós, pe-

dir para verberarmos aquela demora, no «Novíssimo», jornal de que ele é dilecto admirador; nós, que percebemos que o fim dele era o auto-reclamo à organização do almoço do ano passado, resolvemos nada dizer...

À destoar de tantas amabilidades de que foram cumulações os edipistas, a mesa em «T», parecia lembrar-lhes aqueles epítetos que lhes costumam chamar os profanos...

O Ex.º Director do Jornal presidiu ao almoço, acompanhado de sua Ex.ª Espôsa.

O «Novíssimo», ficou aí na altura dos 80%, — isto é, nem no «quadro de honra», nem na cauda —, entre os simpáticos confrades miuhotos e frente ao «caridoso», Otopavil — que tinha a seu cargo o Rei do Orco...

Do «menu», nada dizemos, por espírito de compaixão para com os ausentes... Apenas diremos que descobrimos talvez o único «império», — onde não há racionamento!...

Durante o almoço, deram-se os inevitáveis «torneios fâscas». Decifram-se palavras cruzadas; o «Novíssimo», foi o primeiro a decifrá-las, mas o prémio — sorteado — coube a Gar-Raf.

As charadas a prémio eram «mortas»,... muito antes de nascerem!... Por pouco, já ficavam decifradas as do ano próximo: era questão dos «azes», terem os papeliños à beira, mesmo «sem os ver... Os «matadores», relâmpago foram Satanaz e Fidélito.

O Pacatão, — três metros de bom altruísmo — ofereceu um interessante brinde, da sua feitura, que foi sorteado, revertendo o produto para um pobre protegido pelo «Notícias»; «o feliz», foi o Rei do Orco, que teve o gesto nobre de o voltar a oferecer, para levar. Nova fonte da expansão da caridade edipista!

Também com o mesmo fim altruísta, se fez um pequeno torneio de produção, em disputa dum original prémio oferecido por Rei Carto.

As charadas exaltavam Guimarães e o vencedor foi o confrade A. L. C., que assim cumpriu a profecia feita ao ofertante, de levar o prémio para Guimarães, mas... voltar a trazê-lo!... Satanaz queria protestar a votação do júri — que era o melhor do mundo, diga-se de passagem —, alegando que «bêrço», devia ser «pedra». Todos se entreolharam: entã uma pessoa habituada a todas as comodidades queria um «bêrço»,... de «pedra»? — Não sabiam que o prezado amigo «descobriria», o termo «cua»...

Os discursos foram todos vibrantes de entusiasmo, de louvor à obra de Lusbel, de fé nos destinos do Charadismo, quando servido por homens de tão boa vontade!

Falaram: Alvarinto, louvando o entusiasmo dos vimaranenses no «cantinho dos sabichões», sua ex-seccção (mais um «ex...»); Pacatão, saudando Lusbel e «etcéteras», (desta vez, esqueceu-se de berrar pelo Pacatino, como é costume...); Laruca, em nome da «Estingue», e do «C. E. L.», com aquela simpática elegância verbal de que faz timbre...; Fidélito, num discurso «pautado», perdão, «pautado», em que garantiu a sua presença talvez com certeza até a 2.000.º almoço...; Satanaz, «satisfazendo» números pedidos», numa daquelas suas formosas, famosas e fogosas orações que são a delícia dos seus admiradores, — que somos todos nós... os que não tememos os seus propósitos de «limpeza»,...; Lusbel, para agradecer a comparação e colaboração de todos e distribuir os prémios.

Alvarinto foi, mais uma vez, o distinguído: o «grémio», ajuda não puniu tanto «açambarcamento»,... Houve ainda «batões às crianças», em forma de diplomatas...

As taças... foram «lá dentro», e vêm logo (ler seccção «pequenos delitos...»). Falaram ainda o director do «Nu-

Como se vê, o horizonte do Ensino

Auto da Natividade — por Luiz Cardim.

O dr. Luiz Cardim é um poeta com as suas características especiais que muito o honram e dignificam. A sua poesia, moldada pelas velhas mas já mais imperecíveis regras, tem muita paisagem ao panorama psíquico, em que a alma se eleva ou então fica, exacta e absorpta, a ver se desvenda os segredos da vida que a prendem ao material e transitório.

É claro que estamos a falar de outros trabalhos poéticos de Luiz Cardim, pois este «Auto da Natividade», não chega para nos mostrar a sua poesia. Nem o assunto, já muitíssimo batido, nem a estrutura do auto, conseguem impôr o poeta. — Edição da Livraria Educação Nacional — Pôrto.

«luxuoso», (funcionava a gazolinha, supremo luxo da época) auto-carro que a há-de conduzir ao bérço... da Nação. Os «caravaneantes», são, por ordem o mais analfabética possível, Alvarinto e Espôsa, Fidélito e Gizélia, Satanaz e Miloca, Laruca, Pimpim, Eugénio e a «Equipa do «Novíssimo», (Conde e A. L. C.). Vão todos, bem dispostos, pois o lugar estava marcado, e em traje de passeio; mesmo o Pimpim vai sem «paraquedas», — pois na garagem deram-lhe a palavra de honra que não haveria trambulhão...

A viagem corre (embora pareça que a caminhona é que deveria correr...) agradável, entre as gracinhas do Pimpim, os ensurramentos de Satanaz, — verdadeiro «A. M. de Sousa», vivo e... num volume só — e os eloquentes silêncios do Fidélito...

Precisamente à «dez ó cebola», chegávamos ao maior cemitério de «Novíssimas», da actualidade. No esplêndido «cais de desembarque», perdão — «cais... de desembarque», — estava a «Malta», vimaranense toda, bem como o Ex.º Director do «Notícias», à espera de... nossas excelências!

Vista de perto, a «Malta», não era só vimaranense: Pacatão «in locus erat», bem como a «lata», de Rotie — uma surpresa de conserva, que muito bem sobra a todos — e vários confrades «aviadores», ou seja, da região das Aves...

Todos aqueles «cultores da Arte-Ciência», (grande tirada!) se dirigiram à Redacção do «Notícias de Guimarães», onde o seu ilustre Director lhes deu as boas-vindas, em breves palavras mas plenas de sinceridade. Lê-se o «Notícias», número especial, quasi todo edipista, trocam-se apresentações, impressões e confissões... de tristes recordações...

Visita-se a seguir o Museu Alberto Sampaio — relicário artístico que honra Guimarães. O Lusbel e o P. de Inkin, num gesto muito nobre, resolvem oferecer ao Museu os «fatos», de «Azul do Pôrto», e «Azul de Lisboa», únicos «ossos», que Alvarinto não conseguiu matar... porque não estavam «extractados»...

Admiram-se os objectos expostos, mórmente alguns túmulos, com «pedras fortes», como gostam certos árbitros...

As vitrines de ourivesaria fazem o Alvarinto soltar suspiros: aquilo tudo feito em taças!...

Depois de «recolados», os retardatários, Satanaz, Laruca, etc. — que folhearam o Museu mais de vagar —, fomos para a Sociedade Martins Sarmento.

Repetiram-se os ambiciosos suspiros: o Alvarinto queria aquilo tudo posto em prémios, o Rotie em fôlha para latas, o Pacatão em popeline Adóis... O Lusbel confiou, mais uma vez, a arbitragem do pleito a Satanaz, que optou por que ficasse tudo como estava...

O título da pensão onde foi servido o *tre-pasto* (re-pasto, era pouco) — «Pensão Império», fez-nos, mais uma vez, saí-lozamente, recordar o Lérias, glória do dito...

Antes do almoço, admiram-se as taças destinadas aos heróicos sobreviventes do cêsto das novíssimas, — taça «F. L.», e respectiva miniatura. Admiram-se as taças e aduira-se... muito mais!

O Lusbel ainda está aferrado aos velhos hábitos de não deixar ninguém entrar no barco sem primeiro ter pago a passagem... Merecia ser condecorado na «Ordem dos Reguilas», se tratasse de igual forma os comensais e os ofertantes de prémios...

Quando, enfim, houve ordem de «ameasar», houve quem estivesse capaz de desmaiar, senão de... fraqueza, pelo menos — de alegria... O Pacatão chegou, mesmo, a vir até nós, pe-

dir para verberarmos aquela demora, no «Novíssimo», jornal de que ele é dilecto admirador; nós, que percebemos que o fim dele era o auto-reclamo à organização do almoço do ano passado, resolvemos nada dizer...

À destoar de tantas amabilidades de que foram cumulações os edipistas, a mesa em «T», parecia lembrar-lhes aqueles epítetos que lhes costumam chamar os profanos...

O Ex.º Director do Jornal presidiu ao almoço, acompanhado de sua Ex.ª Espôsa.

O «Novíssimo», ficou aí na altura dos 80%, — isto é, nem no «quadro de honra», nem na cauda —, entre os simpáticos confrades miuhotos e frente ao «caridoso», Otopavil — que tinha a seu cargo o Rei do Orco...

Do «menu», nada dizemos, por espírito de compaixão para com os ausentes... Apenas diremos que descobrimos talvez o único «império», — onde não há racionamento!...

Durante o almoço, deram-se os inevitáveis «torneios fâscas». Decifram-se palavras cruzadas; o «Novíssimo», foi o primeiro a decifrá-las, mas o prémio — sorteado — coube a Gar-Raf.

As charadas a prémio eram «mortas»,... muito antes de nascerem!... Por pouco, já ficavam decifradas as do ano próximo: era questão dos «azes», terem os papeliños à beira, mesmo «sem os ver... Os «matadores», relâmpago foram Satanaz e Fidélito.

O Pacatão, — três metros de bom altruísmo — ofereceu um interessante brinde, da sua feitura, que foi sorteado, revertendo o produto para um pobre protegido pelo «Notícias»; «o feliz», foi o Rei do Orco, que teve o gesto nobre de o voltar a oferecer, para levar. Nova fonte da expansão da caridade edipista!

Também com o mesmo fim altruísta, se fez um pequeno torneio de produção, em disputa dum original prémio oferecido por Rei Carto.

As charadas exaltavam Guimarães e o vencedor foi o confrade A. L. C., que assim cumpriu a profecia feita ao ofertante, de levar o prémio para Guimarães, mas... voltar a trazê-lo!... Satanaz queria protestar a votação do júri — que era o melhor do mundo, diga-se de passagem —, alegando que «bêrço», devia ser «pedra». Todos se entreolharam: entã uma pessoa habituada a todas as comodidades queria um «bêrço»,... de «pedra»? — Não sabiam que o prezado amigo «descobriria», o termo «cua»...

Os discursos foram todos vibrantes de entusiasmo, de louvor à obra de Lusbel, de fé nos destinos do Charadismo, quando servido por homens de tão boa vontade!

Falaram: Alvarinto, louvando o entusiasmo dos vimaranenses no «cantinho dos sabichões», sua ex-seccção (mais um «ex...»); Pacatão, saudando Lusbel e «etcéteras», (desta vez, esqueceu-se de berrar pelo Pacatino, como é costume...); Laruca, em nome da «Estingue», e do «C. E. L.», com aquela simpática elegância verbal de que faz timbre...; Fidélito, num discurso «pautado», perdão, «pautado», em que garantiu a sua presença talvez com certeza até a 2.000.º almoço...; Satanaz, «satisfazendo» números pedidos», numa daquelas suas formosas, famosas e fogosas orações que são a delícia dos seus admiradores, — que somos todos nós... os que não tememos os seus propósitos de «limpeza»,...; Lusbel, para agradecer a comparação e colaboração de todos e distribuir os prémios.

Alvarinto foi, mais uma vez, o distinguído: o «grémio», ajuda não puniu tanto «açambarcamento»,... Houve ainda «batões às crianças», em forma de diplomatas...

As taças... foram «lá dentro», e vêm logo (ler seccção «pequenos delitos...»). Falaram ainda o director do «Nu-

Como se vê, o horizonte do Ensino

Auto da Natividade — por Luiz Cardim.

O dr. Luiz Cardim é um poeta com as suas características especiais que muito o honram e dignificam. A sua poesia, moldada pelas velhas mas já mais imperecíveis regras, tem muita paisagem ao panorama psíquico, em que a alma se eleva ou então fica, exacta e absorpta, a ver se desvenda os segredos da vida que a prendem ao material e transitório.

É claro que estamos a falar de outros trabalhos poéticos de Luiz Cardim, pois este «Auto da Natividade», não chega para nos mostrar a sua poesia. Nem o assunto, já muitíssimo batido, nem a estrutura do auto, conseguem impôr o poeta. — Edição da Livraria Educação Nacional — Pôrto.

Como se vê, o horizonte do Ensino

A morte de um Amigo

Habituei-me sempre em ver nas pessoas idosas um símbolo de respeito e consideração. Mgr. João António Ribeiro estava na conta. Quando vi a primeira luz já Mgr. Ribeiro era sacerdote há 13 anos. Fui seu parouquiano apenas três anos. Quando fui escalado, juntamente com o chefe Adelino Gaspar para fundarmos o escutismo na freguesia de N. S.ª da Oliveira, desde aí a nossa amizade mais se estreitou. De então para cá muitas vezes ouvi de sua boca os seus desabaços. Nos primeiros acampamentos por nós realizados, Mgr. Ribeiro não faltava. Creio que no primeiro realizado em Margaride (Mesão-Frio) depois do jantar, debaixo do frondoso arvoredor da mata, Mgr. contou-nos a sua verdadeira odisséia de 1910. Mais tarde, Mgr. Ribeiro com o seu falar sêco mas sincero disse-nos: mas afinal eu quero ser alguma coisa no escutismo, eu assim não sou nada, e eu quero ser. Respondemos-lhe que Assistente era o Sr. Padre António Quesado e que o Mgr. também era, porque nos prestou todo o auxílio na fundação do escutismo na sua freguesia e além disso nos cedeu a casa do Priorado para sede; não concordou e retorquiu que queria ser sócio a pagar. Perante a sua teimosia cedemos. Ainda mais tarde, as unidades da freguesia da Oliveira, prestaram homenagem aos seus benfeitores. Entre eles contava-se Mgr. Ribeiro. Depois de uma sessão solene, Mgr. Ribeiro deveras surpreendido, viu descerrar o seu retrato e, nas palavras de agradecimento, começou: já que quiseram «plantar aqui a minha careta»...

J. A. da Cunha Machado.

Beneficência do NOTÍCIAS

Transporte. . . . 415\$00
Para o nosso protegido José Lopes Fernandes, recebemos mais:
Produto de sorteios promovidos pelos distintos charadistas Ret-Carto e Pacatão por ocasião do almoço comemorativo do 4.º aniversário do «Notícias do Edipista» 64550
A transportar . . . 479\$50

vissimo, — «numa frase curta e de pedras fortes», para ser votada. . . ao desprêzo, e Rotie, para exprimir o seu regozijo por se achar «ali mesmo».

Por último, falou o Ex.º Director do «Notícias», — palavras de encômio à direcção edipica de Lusbel e oferta de todo o espaço de que o «Notícias do Edipista», precisar, e palavras de gratidão para os colaboradores da secção. As afirmações de S. Ex.ª mereciam ser impressas e enviadas a todos os directores de jornais onde há secções charadísticas e que não têm a perfeita noção do valor e vantagens do Charadismo, que o espirito desempoeirado do Ex.º Sr. Antonio Dias Pinto há muito compreendeu.

Não garantimos que a ordem dos discursos fosse precisamente esta, mas «a ordem dos oradores é arbitrária», e «este relato pode ser alterado por qualquer motivo imprevisto (evitai o pânico. . .)»

Os vivas, as palmas, as risadas e mais ruídos adjacentes coroaram tôdas estas «faladas».
A fechar, mais um gesto gentil: Fidélito, que fôra o «arrematante», da prenda leiloada por Pacatão, ofereceu-a à Ex.ª Resposta do Director do «Notícias».

«E a festa aproximava-se do fim, como se fosse um enigma de enredo à vista! . . .
O documento para a posteridade — a «foto», da praxe — foi tirada em forma de escada, — o que nos fez recordar o Ignotus, ex-confraade. . .
Só mais uns minutos — aproveitados para «matar», ou «decifrar», a sede e deixámos Guimarães, no mesmo ambiente amigo e festivo da chegada. . .
Do regresso, não falamos, que recordar saudades é voltar a senti-las! . . .

A. L. C. (d'«O Navíssimo»).

N. B. — De regresso ao Pôrto, encontramos uma carta do amigo «fixe», Voltaire, de Lisboa, pedindo-nos para apresentarmos ao Lusbel e Contrades reunidos os seus cumprimentos, lamentando muito não ser, este ano, dos presentes ao almoço. Como o pedido veio atrasado, fica satisfeito deste modo.

A. L. C.

ATENÇÃO A' 4.ª PAGINA

GRÊMIO DO COMÉRCIO

DO CONCELHO DE GUIMARÃIS

Nomeação dos Delegados às Comissões de Fixação e de Reclamação da Contribuição Industrial, GRUPO C — MERCADOR.

Conforme convocação feita pela ilustre Direcção daquele organismo corporativo, tiveram lugar nos dias 24, 25, 26 e 27 do corrente, as reuniões das classes dos vários ramos de Comércio, não só para elegerem os representantes dos quatro grupos constituídos, mas também para procederem à nomeação dos delegados às Comissões de Fixação e de Reclamações da Contribuição Industrial, Grupo C — mercador.

Feita a respectiva consulta, foram nomeados para estas últimas, os senhores:

- 1.º Grupo: — Vitezes e Combustíveis, Delegado de Fixação — Edua. do Ribeiro da Cunha. Comissão de Reclamações — António Alves e Joaquim da Silva.
2.º Grupo: — Vestuário e Calçado, Delegado de Fixação — Dias & Carvalho, Lmt., representados pelo sócio Anibal Dias Pereira. Comissão de Reclamações — Teixeira de Abreu & C.ª, representados pelo sócio António Emilio da Costa Ribeiro, e Sousa & Coelho, representados pelo sócio João Baptista de Sousa.
3.º Grupo: — Ferragens, Drogas e Louças, Delegado de Fixação — Almerio de Oliveira Martins. Comissão de Reclamações — João Pinto de Figueiredo, e João Garcia de Almeida Guimarães, sucessor de José Lopes da Cunha.
4.º Grupo: — Papelaria e Tabacaria, Delegado de Fixação — Francisco Ribeiro de Castro. Comissão de Reclamações — José Mendes Ribeiro Júnior, e Umberto Pinheiro Guimarães.

As Casas Bancárias e ao Público

Tendo sido perdida uma letra da importância de Escudos 2.560\$00, sacada e endossada por João Carlos Soares e aceite por José de Oliveira e Marcelina Ferreira Machado, datada de 18 do corrente e com vencimento em 16 de Setembro p/ft.º, avisam-se por este meio os Bancos, as casas comerciais e o Público em geral para não transaccionarem a referida letra, que fica desde esta data sem valor.

Guimarães, 20 de Agosto de 1942.

João Carlos Soares.

Ministério da Economia

EDITOS DE CONCESSÃO

Faz-se público, nos termos e para os efeitos do art.º 31.º do decreto-lei n.º 18.713 de 1 de Agosto de 1930, que José Fernandes de Carvalho requereu a concessão da mina de volfrâmio denominada Coutada da Quinta da Murteira de Cima (reg. 48), situada na freguesia de Santa Cristina de Longos, concelho de Guimarães e distrito de Braga, registada na Câmara Municipal do referido concelho em 30/9/1941 e convidam-se tôdas as pessoas a quem a citada concessão possa prejudicar, a apresentar as suas reclamações neste Ministério, dentro do prazo de sessenta dias, contados da data da publicação deste edito no Diário do Governo.

Repartição de Minas, 5 de Agosto de 1942.

O Engenheiro Chefe da Repartição, António de Castello Branco.

Quintas — Vendem-se

com o rendimento de 14, 6, 11, 10, 8, 15 e 3 carros de medidas de 20 litros, com casas de senhorio e caseiro, esradadas à porta e servidas por meios de transporte.
Tratar com Martinho da Silva.

da cidade

Boletim Elegante

Partidas e chegadas

Dr. Nuno Simões — Das Pedras Salgadas, regressou, com sua esposa, à sua vivenda do Estoril, o nosso ilustre colaborador e amigo sr. Dr. Nuno Simões.

Delfim de Guimarães — Acompanhado de sua esposa parte amanhã de V. N. de Gaia para as Termas de S. Vicente o nosso prezado amigo e distinto colaborador sr. Delfim de Guimarães.

Com sua família encontra-se nas propriedades de Briteiros o nosso prezado amigo e distinto oficial do exército sr. Tenente-Coronel Francisco Martins Ferreira.

Também se encontra nas mesmas propriedades, com sua esposa, o distinto clínico e nosso prezado amigo sr. Dr. José Maria de Castro Ferreira.

Com sua família encontra-se nas propriedades de Taboado a sr.ª D. Cândida Martins Pouada.

Acompanhado de sua esposa esteve uns dias nesta cidade, tendo seguido para Cabeceiras de Basto, o nosso prezado amigo sr. Artur de Oliveira, do Pôrto.

Também esteve entre nós acompanhado de sua esposa o nosso prezado amigo sr. José da Rocha Lima, do Pôrto.

Encontra-se a veranejar na Póvoa de Varzim o nosso prezado amigo sr. José Pereira dos Santos, amanuense da Santa Casa da Misericórdia.

Acompanhado de seu sobrinho, o Rev. José Boaventura Leite de Faria, deu-nos o prazer da sua visita o nosso bom amigo sr. Joaquim Pereira da Cunha, de Tagilde.

A passar uma temporada, na forma dos anos anteriores, encontra-se entre nós o nosso bom amigo sr. P.º António Pereira, digno pároco de Santa Eulália (Leste).

Encontra-se em Guimarães o nosso bom amigo e conterrâneo sr. Sargento Júlio Mendes, em serviço em Braga.

Com sua família encontra-se nesta cidade, onde vem passar uma temporada, na forma dos anos anteriores, o nosso prezado conterrâneo e amigo sr. Afonso Teixeira de Carvalho.

Tem estado a veranejar na Póvoa de Varzim o nosso bom amigo e ilustrado sacerdote Rev. Domingos da Silva Gonçalves.

Tem estado em Barcelos o ilustrado abade de S. Romão de Mesão Frio e nosso bom amigo sr. P.º João de Oliveira.

Deu-nos o prazer da sua visita o nosso bom amigo sr. Afonso Maria Teixeira de Carvalho, de Lisboa.

Encontra-se a veranejar em Vizela a sr.ª D. Albina Iracena de Quadros Flores.

Com sua esposa e cunhada também se encontra a veranejar nas mesmas Termas o nosso prezado amigo sr. Francisco Costa, do Pôrto.

Tivemos o prazer de cumprimentar, na quinta-feira, nesta cidade, o nosso prezado amigo e distinto Vice-Presidente, em exercício, da Câmara Municipal de Braga, sr. Joaquim Alves Machado.

Também esteve entre nós o digno pároco de Lordelo e nosso bom amigo sr. P.º João Soares da Silva.

Com sua família encontra-se a veranejar nas Caldas das Taipas o nosso prezado amigo sr. José Jacinto Júnior.

Encontra-se a gozar de férias, em S. Martinho de Sande, o nosso prezado conterrâneo e amigo sr. Dr. Armando da Silva Crespo Guimarães, residente em Lisboa.

Esteve entre nós na semana finda o nosso prezado amigo sr. José da Silva Crespo Guimarães.

Deu-nos o prazer da sua visita o sr. Dr. Adélio Sampaio e Castro, distinto clínico em Fafe, Fafe.

Tem estado em Eibeiros, Fafe, as famílias dos nossos prezados amigos sr. Francisco Ribeiro de Castro e José Dias de Castro.

Encontra-se nas suas propriedades de Penelo a sr.ª D. Maria de Lourdes Geraldo.

Com sua família encontra-se em Lega o nosso prezado amigo sr. Dr. Fernando Aires.

Com sua família encontra-se nas suas propriedades de Tenões, Braga, o nosso prezado amigo sr. Dr. João Fernandes de Freitas.

Tem estado na Póvoa de Varzim com sua família o nosso bom amigo sr. Dr. Francisco Moreira Sampaio.

Partiu para Fão, o nosso prezado amigo sr. P.º Avelino Pinheiro Borja.

Irmandade de Nossa Senhora da Consolação e Santos Passos de Guimarães

Concurso público para a obra de pedreiro do edificio destinado às salas de aula do Colégio de Nossa Senhora da Conceição.

Até às 14 horas do dia 12 do próximo mês de Setembro, a Mesa da Irmandade de Nossa Senhora da Consolação e Santos Passos, de Guimarães, de harmonia com a deliberação em reunião de 27 de Agosto de 1942, aceita propostas, em carta fechada, para a adjudicação da obra de pedreiro do edificio destinado às salas de aulas do Colégio de Nossa Senhora da Conceição, a qual se efectuará nesse mesmo dia, reservando-se, porém, o direito à Mesa de proceder à sua entrega em reunião seguinte ou mesmo de não fazer a adjudicação, se assim julgar conveniente aos Interesses da Irmandade.

O programa do concurso e respectivo caderno de encargos, a cujas condições o adjudicado fica obrigado, acham-se patentes na Secretaria da Irmandade todos os dias úteis, das 10 às 12 e das 14 às 16 horas, podendo ser examinadas pelos interessados.

Guimarães, Secretaria da Irmandade de Nossa Senhora da Consolação e Santos Passos, 28 de Agosto de 1942.

O PROVIDOR,

a) António José Pereira de Lima.

veranejar nas Termas de Vizela o nosso bom amigo sr. Francisco Félix, director gerente da Empresa Têxtil da Cuca, Ld.ª.

Com sua família encontra-se no Fôrto, com alguma demora, o nosso prezado amigo sr. Alberto Vieira Braga.

Com sua esposa partiu de Lisboa para Cintra onde vai passar o mês de Setembro, o nosso prezado amigo e conterrâneo sr. Alvaro da Silva Penafort.

Acompanhado de sua esposa esteve a veranejar no Bom-Jesus, em Braga, o nosso prezado amigo sr. Carlos Campos, gerente da Tipografia «Portugal», de Lisboa, o qual se encontra de novo entre nós.

Encontra-se nesta cidade o nosso ilustre conterrâneo e distinto oficial do exército, sr. Major Mário Cardoso.

Acompanhado de sua esposa deu-nos o prazer da sua visita o nosso prezado amigo e distinto professor primário sr. António José de Oliveira, que se encontra a veranejar em Vizela.

Com sua família encontra-se na Quinta do Telhado, em Taboado, o nosso prezado amigo sr. Adelino Lobo Neves Pereira.

Aniversários natalícios

Fêz anos no passado dia 18 o nosso prezado amigo sr. António Augusto de Almeida Carneiro, a quem felicitamos, embora tarde.

Fazem anos:

No dia 1, o nosso bom amigo sr. Eduardo de Oliveira Machado; no dia 4, o também nosso prezado amigo e distinto clínico sr. Dr. Carlos Saraiwa; no dia 5, os nossos bons amigos sr. José de Oliveira Cosme e Manuel de Oliveira Cosme e no dia 6, a sr.ª D. Gracinda Gomes Martins.

A todos apresentamos os nossos cumprimentos de felicitações.

Doentes

Operação — Em Lisboa foi ultimamente submetida a uma melindrosa operação que decorreu com êxito, tendo já entrado em vias de franco restabelecimento, a esposa do nosso prezado amigo sr. José Pinto de Almeida.

Já se encontra melhor dos seus incômodos o ilustre Presidente da Câmara sr. Dr. João Rocha dos Santos.

Tem passado ligeiramente incomodado o nosso bom amigo sr. José Ramos Martins Fernandes.

Tem passado ligeiramente incomodada a esposa do nosso prezado amigo sr. Joaquim da Silva Xavier.

FALECIMENTOS e SUFRÁGIOS

Monsenhor João António Ribeiro

Foi muito concorrida a missa que a Mesa da Confraria do SS.º Sacramento da Oliveira mandou celebrar no seu altar e na segunda-feira última em sufrágio da alma do Rev. Arcipreste Monsenhor João António Ribeiro.

Em outros templos da Cidade e do Concelho, assim como na Póvoa de Lanhoso e outras localidades, têm

TEATRO JORDÃO

HOJE, às 15 e às 21 1/2 horas

GIBRALTAR

Um drama de espionagem e de amor, cheio de lances imprevistos e emocionantes, admiravelmente interpretado pelos artistas

Viviane Romance e Eric Von Stroheim

Quinta-feira, 3 de Setembro:

Um filme de categoria e atraente

SETE PECADORES

com os grandes artistas

Marlene Dietrich e Mischa Auer.

sido celebradas muitas missas por alma do mesmo saudoso sacerdote.

A Mesa da Irmandade de N. S.ª da Guia mandou celebrar, na sexta-feira última, às 8,30 horas, na sua capela, uma missa em sufrágio da alma do saudoso Arcipreste Monsenhor João A. Ribeiro. Foi celebrante o Rev. António Pereira. Assistiram a Mesa e numerosos fiéis.

D. Teresa Ferreira da Silva

Na sua residência, à Rua de Val-de-Donas, e confortada com todos os sacramentos da santa madre igreja, finou-se, no domingo, de manhã, esta bondosa senhora, mãe extremosa do nosso prezado amigo Sr. Adelino Gaspar António da Silva, activo empregado comercial e dirigente do Corpo Nacional de Escutas.

A extinta era possuidora de excelentes sentimentos e muito estimada. O seu funeral efectuou-se na segunda-feira, às 10 horas, na igreja de N. S.ª da Oliveira, com a assistência de muitas pessoas das relações da família, Escutas do Núcleo de Guimarães, associações religiosas, etc., etc.

Após a missa do corpo presente e os officios de sepultura, o cadáver foi removido, com numeroso acompanhamento, para o cemitério de Atouguia.

Ao nosso amigo Sr. Adelino Gaspar apresentamos condolências.

B. Clotilde Silva

Em consequência de uma operação a que se submeteu recentemente no Pôrto, finou-se, na quinta-feira, à noite, na sua casa, em Famalicão, a Sr.ª D. Clotilde Silva, extremosa esposa do nosso querido amigo Sr. José Casimiro da Silva, ilustre Director do nosso colega «Estrêla do Minho», que se publica naquela vila.

Avaliando o enorme desgosto por que acaba de passar, «Notícias de Guimarães» apresenta ao Sr. José Casimiro da Silva e a toda a restante família enlutada, a expressão do seu muito pesar.

De luto

Pelo falecimento de uma sua irmã, ocorrido em Braga, encontra-se de luto o nosso prezado amigo Sr. António Augusto Xavier Fernandes, a quem apresentamos condolências.

Pelo falecimento de uma sua tia ocorrido em Prazins, encontram-se de luto os nossos prezados amigos Srs. João Ribeiro Dias, da Quinta do Paço, Fermentões, e João Ribeiro Dias Júnior, conceituado comerciante em Guimarães, aos quais apresentamos as nossas condolências.

Diversas Notícias

Pelo Tribunal

No Tribunal Judicial desta Comarca responderam, no penúltimo sábado, diversos indivíduos, como autores uns e encobridores outros de um roubo de arame de ramadas, todos incurso na lei excepcional de Abril último que pune tais delitos. Não se provou o crime no que respeita aos encobridores mas tão somente contra os autores do furto, Francisco de Almeida e Jerónimo de Abreu, que foram por isso condenados em dois meses de prisão e 10 dias de multa a 2\$00 por dia.

Foi suspensa a pena quanto ao primeiro, por ter bom comportamento anterior e ser levado a prática do roubo, por absoluta necessidade, de sua família, que é numerosa, visto encontrar-se há meses sem trabalho. Foram patronos dos réus os distintos advogados e nossos bons amigos Srs. Drs. José Pinto Rodrigues e Francisco Pinto Rodrigues, que foram brilhantes nas suas alegações.

O Tribunal era presidido pelo Juiz substituto Sr. Dr. Teodoro Teixeira Pita e a acusação estava a cargo do Agente do Ministério Público, representado pelo Delegado substituto, Sr. Dr. Adelino Ribeiro Jorge.

Colónia de Férias

Após um estágio de quinze dias, nas Termas de Vizela, regressaram,

no domingo, a esta Cidade, as crianças que compuseram a Colónia de Férias e Recreio dos Sindicatos Nacionais de Guimarães.

Serviço de Farmácias

Hoje, domingo, está de serviço permanente a Farmácia Dias Machado, à Rua da República.

Novo Pároco de Moreira de Cónegos

Foi colocado, como Pároco, na freguesia de Moreira de Cónegos, o Rev. Ezequiel de Freitas, muito conhecido e estimado entre nós e que outros Arciprestados tem desempenhado, com muita competência e zelo, a sua missão.

Vida Católica

N. S.ª da Guia — Na capelinha de N. S.ª da Guia, começa hoje, às 18 horas, a novena que precede a festividade em honra da Padroeira e que há-de realizar-se no dia 8 de Setembro próximo, na forma dos anos anteriores e de harmonia com o programa que publicaremos oportunamente.

S. Sebastião — No dia 11 de Outubro próximo, realiza-se, na freguesia de Serzedelo, uma luzida festividade em honra de S. Sebastião, tendo sido contratada já para a abrilhantar a reputada banda de Riba d'Ave.

Festa Eucarística em Creixomil — No próximo domingo, realize-se, na progressiva freguesia de Creixomil, uma imponente solenidade religiosa em honra do SS.º Sacramento, que será precedida de uma serie de pregações confiadas a talentosos oradores sacros. No domingo haverá uma comunhão solene de crianças, missa cantada, sermão e outras cerimónias, concluindo a festividade com uma imponente procissão eucarística.

Santo Antonio — Na capelinha da sua invocação, festeja-se, no próximo domingo, este milagroso Santo, com missa cantada e sermão por um distinto orador sacro.

INSTRUÇÃO

Liceu de Martins Sarmento

Relação dos alunos do 3.º e 6.º ano que foram aprovados em tôdas e algumas disciplinas

3.º Ano

Joaquina Ferreira Querido, tôdas; Joaquim Monteiro Borges de Araújo, desenho; José Maria Gomes Alves, tôdas; José Ribeiro, português, francês e ciências; Manuela Armada Novais Leite, tôdas; Manuel Campos Vieira Magalhães, tôdas; Manuel Ferreira Leite, português, francês e ciências; Maria Adelaide Costa Valente, tôdas; Maria Armandina Castro Baptista, português, ciências, matemática e desenho; Maria Carmen Rocha Pinto Bastos, português, francês, ciências e matemática; Maria Elvira Ferreira Mendes de Carvalho, matemática; Maria Emília de Almeida Teixeira, português, francês, ciências e matemática; Maria Emília Moura Castro Cunha Guimarães, português, francês e matemática; Maria Filomena Cardoso Alves de Oliveira, tôdas; Maria Francisca Osório Veiga Queiroz, tôdas; Maria Isabel Osório Veiga Queiroz, matemática e desenho; Maria Isabel Martins Gonçalves, matemática; Maria de Lourdes Barbosa Peixoto, tôdas; Maria de Lourdes Dias da Cunha, francês, ciências, matemática e desenho; Maria de Lourdes Ferreira da Fonseca Seara, tôdas; Maria Luísa Centeno Vieira de Castro, tôdas; Maria Luísa da Conceição, português, francês, ciências e desenho;

(Continua.)

INTERNATO ANEXO AO LICEU DE GUIMARÃIS

PARA ALUNOS MATRICULADOS NO LICEU

Admissão aos Liceus.

Educação moral e religiosa.

Alimentação muito boa. Peçam informações aos alunos e famílias.

O Colégio MAIS ECONÓMICO de Portugal. Conserva os mesmos preços de há 10 anos.

Não quer nem precisa de lucros.

Os "deficits", são cobertos pela Câmara, sua proprietária.

Pensão, 300 escudos.

Peçam prospectos e comparem.

Matricula no Liceu ATÉ 15 DE SETEMBRO.

Director: — P.^o José Carlos Simões Veloso de Almeida.



4.º Almôço charadístico

Como previamos, o 4.º banquete de confraternização entre os colaboradores da nossa secção, foi mais uma etapa brilhante, sob todos os aspectos. Boa camaradagem, muita alegria e elevada concepção do ideal charadístico.

O repasto foi lantamente servido, deixando a todos a melhor impressão.

Eram 30 os convivas, que depois de visitarem os museus se instalaram na Pensão Império. A mesa de honra era presidida pelo nosso director Sr. Antonio Dias, que tinha à direita sua Ex.^{ma} Espôsa, Satanauz, Miloca, Laruce, Gizela e Fidélío; à esquerda: M.^{me} Alvarinto, Alvarinto, M.^{me} Pacatão, Pacatão, Rotie e Pimpim. Em outros lugares, sentaram-se: Black Bird, J. Gualberto de Freitas, Dorvalvas, Otopavlis, Rei do Orco, P. de Inkin, Quico, Joraca, Juca, Davidinho, Conde, A. L. C., Ariedam, Príncipe do Ave, Gar-Raf, Lusbel e Jóia de Faraó.

Não obstante a mesa de honra ser constituída por treze pessoas, não houve azar...

Houve vários trabalhos a prémio, ganhos por Gar-Raf, Satanauz e Fidélío.

Um objecto de arte, com inscrição para produtores foi ganho por A. L. C. Esta oferta foi de Kei Carto, que num gesto simpático a fez, revertendo o

produto em favor de um apêlo feito no nosso jornal. Com igual fim, Pacatão pintou e ofereceu uma linda caneca, de que fez um sorteio, sendo premiado Rei do Orco. Este, atendendo ao fim benéfico ofereceu-a para leiloar, sendo o melhor lanço do Fidélío, que mais tarde a ofereceu à Espôsa do nosso Director.

Foram distribuídos vários prémios e diplomas. Também se deviam entregar duas taças. Mas sobre isso, falaremos depois...

Vários foram os confrades que usaram da palavra, nomeadamente Laruce, Satanauz, Rotie, Fidélío, A. L. C., Alvarinto, Lusbel e o nosso prezado Director, que encerrou brilhantemente a nossa festa.

Por mais esta prova de estima pela nossa pessoa e aprêço pelo "Edipista", a todos os confrades nos confessamos imensamente gratos.

REPRESENTAÇÕES

Alvarinto e Laruce representavam o C. E. L. e "A Esfinge".

Fidélío e Conde, a A. C. I.; o primeiro também representava o "Cantinho dos Sabichões".

A. L. C., "O Novíssimo", Lérias a "Tribuna de Edipo".

Rotie, o grupo charadístico "Os X", Ariedam, a secção "Eureka".

Misericórdia de Guimarães

ASSEMBLEIA EXTRAORDINARIA

No passado domingo, dia 13, pelas 10 horas, na Sala de Despacho do Hospital Geral de Santo António, realizou-se, com grande concorrência de irmãos, a Assembleia Geral Extraordinária, para deliberar sobre a venda a comproprietária D. Carlota Cardoso Guimarães, de vinte quadragésimas segundas partes de uma propriedade composta de 7 moradas de casas e terras de sementeira, sita no lugar do Cano de Cima, freguesia da Oliveira, desta cidade, legadas a Santa Casa da Misericórdia pelo benfeitor Nicolau Luis Cardoso Guimarães, com reserva de usufruto a favor de sua irmã a já citada D. Carlota Cardoso Guimarães.

Presidiu o Provedor Sr. Mário de Sousa Menezes, secretariado pelo Vice-Secretário Sr. Alfredo José de Sousa Félix e pelo mesário Sr. Tenente Mário Pinheiro.

O Sr. Provedor expôs claramente à Assembleia a proposta da mesa, segundo os pareceres do Sr. Consultor Jurídico, do Defensorio, da Comissão de Avaliação de Prédios da Santa Casa e bem assim dos peritos nomeados pelas partes.

Depois de ligeiras apreciações dos irmãos Srs. Agostinho das Neves Saraiva e António Antunes da Cunha e por proposta do irmão Sr. Tomás Pedro Rocha dos Santos, a Assembleia resolveu conferir plenos poderes à Mesa para ultimar a transação.

O Sr. Provedor em nome da Mesa agradeceu, no final, a comparação dos irmãos presentes e pediu com todo o encarecimento que sempre que se realizem Assembleias Gerais não falem, demonstrando por essa forma o seu interesse pelo progresso da maior Instituição Beneficente de Guimarães.



DESPACHOS DE EXPORTAÇÃO.

IMPORTAÇÃO E CABOTAGEM

RUA NOVA DA ALFANDEGA, 67
PORTO

CASA FUNDADA EM 1828

TELEFONES { Escritório, 73
e Estado, 57

Agentes de Navegação,

de Fabricantes

e Negociantes estrangeiros e nacionais

MINISTÉRIO DA ECONOMIA

Comissão de Viticultura da
Região dos Vinhos Verdes

AVISO

Acusam ainda os manifestos grande quantidade de vinho na posse dos viticultores da região demarcada, o que não deve representar a verdade, facto que causa, como se compreende, prejudiciais erros estatísticos. É, pois, necessário, que os Srs. Viticultores, desde já, sa-

tisfaçam o preceituado no Artigo 3.º, § 4.º, do Decreto-Lei n.º 16.684, dando conhecimento à Comissão de Viticultura de todo o vinho de que já dispuseram, quer ele tenha sido destinado à venda, ao consumo das casas agrícolas, ou a outro qualquer fim.

A BEM DA NAÇÃO.

Pôrto e Comissão de Viticultura da Região dos Vinhos Verdes, 26 de Agosto de 1942.

A Comissão Executiva.

QUINTA

Vende-se

com rendimento de 15 carros de medidas de vinte litros, com casa de senhorio nova e casas de caseiros, com grande rendimento em vinho, e seruida de estrada. Encontra-se situada a 6 kil. desta cidade.

Tratar com

MARTINHO DA SILVA.

Palavras cruzadas

(Em homenagem ao «Sport Lisboa e Benfica», campeão da 1.ª Divisão, dedica

N.º 34 (a prémio)

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11

A. Siãlhagam.)

ENUNCIADO:

Horizontais: 1 — Bispo; espaço compreendido entre os traços de um mapa. 2 — Contra o que devia ser; atravessara a nado. 3 — Palmeira; peça triangular de madeira que sustenta os telhados (pl.). 4 — Reserva; defecam (inv.). 5 — Pref. grêgo; cabrito de um ano. 6 — Curam. 7 — Pus que escorre de certas úlceras; batráquio. 8 — Peça de madeira que se atravessa na ponta do timão; prefixo (invertido). 9 — Art. pl.; duas vogais iguais. 10 — Rua aberta por entre os pinhais e matas; abrev. de Santíssimo. 11 — A outros respeito.

Verticais: 1 — Multidão de cadáveres. 2 — Carne salgada; entre nós. 3 — Planta de fruto venenoso; art. antigo. 4 — Estado de um negócio (inv.); cuada das calças; duas vogais iguais. 5 — Nota mus.; escavara. 6 — Planos. 7 — Espécie de antilope (pl.). 8 — Anagrama de ananás. 9 — Praticar saujas. 10 — Arvore coureira de formas elegantes (pl.). 11 — Aparições súbitas.

Prémio: "O homem e o livro", por M. Iliue.

SOLUÇÃO DO N.º 24

Horizontais: 1 — Saxe; anais. 2 — Anais; senes. 3 — Gira; t; mina. 4 — Ana; til; ser. 5 — Sa; sinos; so. 6 — Debater. 7 — Xa; silex; ar. 8 — Ana; ohm; uxi. 9 — Rota; a; axis. 10 — Amela; arido. 11 — Somas; ramos.

SOLUÇÃO DO N.º 25

Horizontais: 1 — Salvaz. 2 — Pua; oleila. 3 — Ita; barrar. 4 — Re. 5 — Uba. 6 — Ha; ter. 7 — Xen. 8 — Ordem; rima. 9 — Agnome; aros. 10 — Guisara; sina. 11 — Amarrar; asir. Verticais: 1 — Aza. 2 — Pira; xogum. 3 — Ute; hénria. 4 — Aú; paudo-ar. 5 — Einra. 6 — Sobrenomear. 7 — Ala. 8 — Ler; ut; rasa. 9 — Vir; bê; iris. 10 — Ala; ar; moui. 11 — Sar; asar.

DECIFRADORES

Das n.ºs 24 e 25: Conde, Diadema, Fidélío, João Augusto, Rei Texai, Sabrigaita, Tinobe, Agnus Matutus, Bisaro, Copofónico, Criança Alegre, Dro-

pê, Erbelo, Lucimar, M. A. P. M., Morenita, Rei Viola, Rotie, Siuhã Duro, Laurus, Juca, Joraca, Black Bird, Lage, Jóia de Faraó, P. de Inkin, Psole, Quico, Don Zé Franulii, Oteblo, A. L. C., Pacatão, Alvarinto, Georgina, Laruce, Pimpim, Rei Tinto, A. Siãlhagam, Defaride, Maudvalis, Alferes do Forte, Tenente do Forte, Capitão do Forte, Berleri, Ferjunfer, Somel, Ariedam, M.^{me} Ariedam e Príncipe do Ave.

Só do n.º 25: Labita, Vareira, Alguém, Josilca, Mora-Rei, Oimodis, Oraval, Aportas, Almapa, D. Sabichão, Javipera, Sadino, Molato, Patêgo d'Azozia, Mariliete, Pépita, Ti Manél, Lhalha, Rei do Orco, Rei Carto, Rei Moca e Carlino.

SORTEIO: — Lotaria de 5 de Setembro, cabendo a cada decifrador 14 números.

PRÉMIOS: — O do n.º 21 coube a Fidélío; o do n.º 23, coube a Pépita. Os nossos parabéns.

BOM EMPREGO DE CAPITAL

VENDE-SE um bom prédio com grande quintal, assim como o recheio do mesmo. Situado na Avenida Miguel Bombarda, 52, para tratar com o seu proprietário.

Lêde e propague o «Noticias de Guimarães»

OURIVESARIA SOUSA



MODELOS MAIS ARTÍSTICOS EM PRATAS OURO E JOIAS AOS MELHORES PREÇOS

JOALHEIROS FABRICANTES SOUSA & COELHO

A CASA QUE MAIS SE IMPÕE PELO SEU FABRICO EM JOIAS

e a que paga a cobrir tôdas as ofertas

-- OURO, PRATAS ANTIGAS E BRILHANTES --

O Melhor Café é o d'A Brasileira



Vendedor oficial em GUIMARÃIS PEDRO DA SILVA FREITAS 11, Rua de Santo António, 13 (CASA CHAFARICA) Telefone 79

EXIJAM SEMPRE O NOME DO VENDEDOR OFICIAL EM GUIMARÃIS: Pedro da Silva Freitas

CRIAÇÃO OBRA BRANCA hortelão 175

Precisa-se casal de meia idade, sem filhos, que saiba bem de horta, pomar e vinha. Exigem-se boas referências. Rua de Camões, 62 — GUIMARÃIS.

Anunciar no «Noticias de Guimarães» é fazer uma boa propaganda. O amor à Terra e à Grai — eis o nosso lema.